

## O valor temporal dos advérbios *agora* e *hoje* na perspectiva enunciativa

Lidiany Pereira dos Santos (UFPI)  
lidianysantos1@hotmail.com  
Claudiene Diniz da Silva (UFPI)  
diennedinniz@hotmail.com

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo analisar os valores referenciais temporais estabelecidos pelos advérbios *agora* e *hoje*, a partir da perspectiva das Teorias da Enunciação. Segundo os pressupostos enunciativos, o valor temporal de um termo é construído e não preestabelecido, logo, para determinar o sentido das palavras, precisamos reconhecer os temas que favorecem a construção desse valor. Para essa pesquisa, utilizamos alguns conceitos da Teoria de Operações Predicativas e Enunciativas de Antoine Culioli. Através dessa abordagem Construtivista são estabelecidos os valores referenciais. Para Culioli o enunciado é entendido como um arranjo de formas a partir das quais os mecanismos enunciativos que o constituem como tal podem ser analisados, ou seja, o enunciado é visto como um encadeamento de operações do qual é rastro, pista. Para tanto, teve-se como parâmetro os estudos iniciais de enunciação desenvolvidos por Benveniste(1989;2005) e os de Culioli desenvolvidos por Franckel (2011), Vogüé (2011) e Paillard (2011) cujas obras desenvolvem a teoria culioliana. Defendemos tal como Culioli, que os sentidos são construídos, pois os sujeitos enunciadores e os eixos tempo e espaço, os quais são primordiais na situação de enunciação. Os advérbios “agora” e “hoje” não respondem sozinhos pelos valores referenciais. Os valores referenciais se manifestam no processo de construção do enunciado onde outras marcas linguísticas se encontram em harmonia e colaboram para a construção do sentido. Assim, podemos considerar que as sequências analisadas constituem enunciados porque puderam ser interpretáveis em contextos potenciais. Verificamos como essa pesquisa o surgimento de novos valores que, longe de seus sentidos mais usuais, contribuem para a construção de novos sentidos que refletem a dinamicidade das ações e da interação humana.

Palavras-chave: Advérbios *agora* e *hoje*. Valores referenciais. Linguística da Enunciação.

### Introdução

A produção de enunciados pelos sujeitos em situação real de comunicação tem levantado muitas questões sobre a significação. Na tentativa de responder essas questões surgiram as teorias enunciativas, que renegam a concepção de significado preestabelecido e defendem que o sentido dos termos é construído no cenário de construção dos enunciados. Dentre os representantes dessa perspectiva temos Émile Benveniste (considerado pai da linguística enunciativa), Antoine Culioli entre outros.

Partindo da perspectiva enunciativa, o presente artigo tem por objetivo analisar os valores referenciais dos advérbios de tempo *agora* e *hoje* em contextos discursivos diversos, embasados em alguns conceitos da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas de Antoine Culioli e nos postulados sobre tempo de Émile Benveniste. Para tal, utilizaremos como parâmetro os estudos desenvolvidos por Franckel (2011), Lima (2005), Vogüé (2011) e Paillard (2011) cujas obras desenvolvem a teoria culioliana.

Para alcançarmos o objetivo proposto, faremos uma breve explanação sobre a concepção de enunciado para Culioli e sobre sua Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas. Em seguida, apresentaremos um tópico sobre a visão de Benveniste sobre o tempo. A partir do pressuposto teórico exposto, analisaremos os advérbios *agora* e *hoje*, na tentativa de comprovar que valores referenciais se manifestam no processo de construção do enunciado onde outras marcas linguísticas se encontram em harmonia e colaboram para a construção do sentido.

## **1- Concepção de enunciado em Culioli**

A abordagem Aristotélica da linguagem concebia o pensamento distante da linguagem. Para essa abordagem, o pensamento estaria no pólo superior, enquanto que no pólo inferior estariam a linguagem de um lado e as coisas (o referente) de outro. Já a abordagem Clássica concebeu a linguagem humana como a representação do pensamento, ou seja, linguagem e pensamento estavam imbricados. Conforme Franckel(2011,p.33): “A linguagem é, antes, o espelho, o reflexo do pensamento”. Dessa forma, ideias e palavras estão em consonância, cada palavra remete a uma ideia; ou seja, a linguagem seria nada mais do que a representação da representação do mundo construído pelo sujeito no seu sistema de pensamento.

Contrariando essas abordagens surge a abordagem Construtivista, a qual vê a linguagem como uma forma do pensamento, porque há outras formas possíveis de pensamento. Todo pensamento não se reduz à linguagem; pois se pode dizer alguma coisa do mundo através de gestos, pinturas, códigos, danças, etc. Para essa abordagem o que interessa é o material verbal, ou seja, o sentido só existe desde que seja construído pela linguagem, isto é, por meio das palavras.

Assim, enquanto as duas abordagens anteriores consideraram a existência de um referente, de um pensamento e de um sentido independentes da linguagem; a última abordagem considerou as formas e os textos construtores de significação, ou seja, evidenciou que a análise de fenômenos linguísticos não se reduz diretamente a um raciocínio acerca do mundo ou dos processos cognitivos; considerou o sentido construído por meio de unidades que integram o todo formando o enunciado. Como bem diz Franckel (2011, p. 43):

O sentido das formas não é definido por aquilo a que elas remetem, em um mundo(ou uma representação do mundo) externo à língua; a significação de um termo não poderia se confundir com sua referência:ela só se constitui de uma dinâmica da construção estabelecida nos enunciados e pelos enunciados.

E é através dessa abordagem Construtivista que Antoine Culioli surge com os seus valores referenciais. Para ele o enunciado é entendido como um arranjo de formas a partir das quais os mecanismos enunciativos que o constituem como tal podem ser analisados, ou seja, o enunciado é visto como um encadeamento de operações do qual é rastro, pista. Franckel(2011, p.44) explica:

A justificativa pelo termo “operação” deve-se justamente à hipótese de que o valor referencial do enunciado não é um dado, mas algo construído. Isso significa que o arranjo de formas que o materializa remete, não a valores, mas às operações de constituição do valor referencial. Estudar a enunciação é, portanto, estudar as modalidades de constituição desse valor.

Nessa perspectiva em que o sentido origina-se exclusivamente do material verbal, não se busca o sentido do enunciado em um referente extralinguístico, pois o contexto não é externo ao enunciado, mas gerado, produzido pelo próprio enunciado. Assim, o sentido corresponde à construção de **valores referenciais**. Antes de explicarmos o que vem a ser valores referenciais ou referenciação, precisamos comentar a respeito de referente ou referência. Referente é o “já-dado”, equivale a uma correspondência estável dos enunciados às entidades externas à língua.

E os valores referenciais ou referenciação correspondem a uma dinâmica própria à língua, são sentidos construídos nos e pelos enunciados por meio de operações

enunciativas, as quais recebem o nome de “operações de referenciação”. Esses valores são instáveis e nascem de jogos intersubjetivos de ajustamentos e de regulação que resultam em pontos de equilíbrios interpretados provisoriamente e localmente.

Em outras palavras, são valores que surgem do **cotexto** e não do contexto extralinguístico definido pela situação de locução. Porque o cotexto “é a sequência de enunciados na qual cada enunciado se insere”. (Vogüé, 2011, p.65) É por meio do cotexto que o acesso ao sentido é possível, através de atividades de paráfrase e de reformulação; trata-se, portanto, de uma atividade metalinguística. É por isso que Vogüé(2011, p.66) afirma: “O sentido não é função do contexto: é o contexto que é função do sentido. Ou, mais exatamente, é o cenário enunciativo, enquanto parte integrante do sentido que o enunciado produz.” E Franckel(2011,p. 49) complementa: “(...) existem uma organização e uma ordem nos encadeamentos que fazem o contexto depender, por sua vez, do enunciado.”

Dessa forma, um enunciado não tem, portanto, o mesmo estatuto que uma sequência, porque uma sequência apresenta-se como um potencial interpretativo, é eventualmente compatível com vários tipos de contextualização por ela determinados. Assim, um enunciado é uma sequência estabilizada por uma contextualização definida. Para entendermos melhor como isso funciona, vejamos dois exemplos com o advérbio “agora”:

- (a) Eu pretendo agora nesse final de ano fazer vestibular pra Geografia.<sup>1</sup>
- (b) Meu aniversário foi agora no carnaval, mas não quis festa.

Esses dois exemplos demonstram os valores referenciais do advérbio *agora*, pois correspondem ao que há de recorrente na interpretação e na contextualização desses enunciados. Veja que no exemplo (a) o *agora* remete para algo que ainda vai acontecer, enquanto que no exemplo (b) remete para algo que já aconteceu. Então, a mesma palavra não possui o mesmo valor referencial, ou seja, há variações; porque essa teoria leva em conta forma e contexto. Primeiramente, os cenários enunciativos são diferentes e, em segundo, há outros elementos ligados ao advérbio que possibilitam essa “operação de referenciação”: em (a) os verbos “pretendo” e “fazer” auxiliam na construção do

---

<sup>1</sup> Exemplos nossos

sentido do advérbio *agora* para o futuro; e em (b) o verbo “foi” auxilia na interpretação do *agora* indicando algo que ficou no passado.

Para a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas a linguagem é tida como um trabalho tanto linguístico quanto subjetivo porque envolve sujeitos (que elaboram a realidade por meio de suas percepções) que realizam operações que constroem significados linguísticos com a língua, numa dada situação (espaço) e num dado momento (tempo). Assim, o que interessa para essa teoria é o funcionamento da linguagem, o modo particular de organização e agenciamento das formas, concepção essa que compreende a variação como um processo inerente à língua.

Culioli não vê a linguagem como uma cadeia interpretativa imposta sobre o mundo (semiótico), nem como uma máquina discursiva da qual os sujeitos se apropriam para investir o mundo de significação. Mas, vê a linguagem como uma semiologia das operações de constituição da significação, ou seja, a linguagem é vista como uma atividade. Para ele, os sistemas variam de língua para língua e os discursos de locutor para locutor, porque Culioli não toma como objeto de análise uma língua como sistema estruturado, e sim, os enunciados em uma língua, isto é, o que lhe interessa é analisar os valores interpretativos que esses enunciados constroem.

Dessa forma, a linguagem é uma atividade de construção que se realiza através de operações que produzem enunciados. Assim, enunciar é criar um espaço enunciativo em que os valores referenciais são construídos.

## **2 Conceção de tempo em Benveniste**

Antes de se falar em tempo em Benveniste, faz-se necessário comentar a respeito da concepção de enunciado para ele. Benveniste(1989) considera o enunciado como o resultado de um ato de linguagem individual amparado num “aqui” e num “agora”. Ele concebeu a enunciação como um ato individual de apropriação da língua produzindo um enunciado. Para ele o que lhe interessa é o ato mesmo de produzir enunciado e não o texto do enunciado; e é a relação do locutor com a língua que determina os caracteres linguísticos da enunciação.

Esses caracteres formam o que ele chamou de “aparelho formal da enunciação”, o qual é composto pelas categorias de pessoa, tempo e espaço, ou seja, o *ego*(eu), *hic*(aqui) e *nunc*(agora). A categoria de pessoa inclui a relação “eu-tu”, relação esta que se realiza na e pela enunciação; o “eu” é o indivíduo que profere a enunciação e o “tu” é a pessoa não-subjetiva, ou melhor, é aquele que está presente como alocutário. O “tu” torna-se “eu” ao tomar a palavra. A categoria de pessoa é essencial para que a linguagem se torne discurso. Conforme Benveniste(2005):

O eu não se refere nem a um indivíduo nem a um conceito, ele refere-se a algo exclusivamente linguístico, ou seja, ao ato de discurso individual em que eu é pronunciado e designa seu locutor.

Em relação ao **tempo**, Benveniste(1989) traz duas noções para esta palavra, antes de chegar a abordar o tempo específico da língua: tempo presente. Para ele, há o tempo físico e o tempo crônico. O primeiro é compreendido como um contínuo uniforme, infinito, linear que independe da vontade humana. Já o segundo refere-se ao tempo dos acontecimentos que inclui nossa vida como sequência de acontecimentos; acontecimentos estes que se orientam por meio de um calendário.

Benveniste(1989) explica que o tempo crônico comporta dupla versão: a objetiva e a subjetiva. A objetiva corresponde aos eventos situados restritamente a dias, meses e anos; o subjetivo corresponde ao tempo vivido na experiência humana. Segundo Benveniste(1989, p.74):

O tempo crônico fixado num calendário é estranho ao tempo vivido e não pode coincidir com ele; pelo próprio fato de ser objetivo, propõe medidas e divisões uniformes em que se alojam os acontecimentos, mas estes não coincidem com as categorias próprias da experiência humana do tempo.

Assim, há uma diferença enorme entre situar um acontecimento no tempo crônico, outra coisa é inseri-lo no tempo da língua, porque é pela língua que se manifesta a experiência humana do tempo. O tempo linguístico está diretamente ligado ao exercício da fala e ele se define e se organiza como função do discurso.

Benveniste(1989) explica que o único tempo inerente à língua é o “presente axial do discurso”, ou seja, a instância de discurso. Para ele, o presente linguístico é o fundamento das oposições temporais da língua, pois o momento em que o acontecimento não é mais contemporâneo do discurso, ele passa a ser evocado como

passado; e quando o momento do acontecimento ainda não é presente, ele será evocado como futuro.

O que Benveniste(1989) defende é que o “presente” é o eixo referencial para se estabelecer se certo evento encontra-se anterior, concomitante ou posterior ao momento da enunciação. Assim, o ato de fala é necessariamente individual e a instância específica de que resulta o presente é cada vez mais nova. Dessa forma, ele explica:

O tempo presente enquanto função do discurso, não pode ser localizado em nenhuma divisão particular do tempo cronológico, já que ele as admite todas e, ao mesmo tempo, não exige nenhuma. Com efeito, o *agora* é reinventado a cada vez que o enunciador enuncia, é a cada ato de fala um tempo novo, ainda não vivido. (BENVENISTE, 2005, p. 84)

Mediante a exposição dos conceitos de enunciação conforme os dois estudiosos. Entendemos que para Culioli a enunciação não está vinculada diretamente ao sujeito que se enuncia, ela não é um ato, e sim, um processo de construção, ajustamento de formas em que o enunciado é resultado desse processo. Assim, as estruturas presentes no enunciado não advêm do controle restrito ao locutor, mas são determinadas pela ordem da linguagem. Ou seja, o locutor se apropria dessa ordem, mas ele não é a origem. Então, a teoria culioliana defende que “[...] a construção enunciativa decorre de operações de orientação, e, em particular, que passa pela determinação de pontos de vista diferenciados”.

Para ele, a enunciação por ser justamente um processo de constituição de sentido, deve a linguagem ser entendida como atividade e não como uma máquina discursiva da qual os sujeitos se apropriam para investir o mundo de significação. E para Benveniste(1989) o que lhe interessou saber foi como as marcas temporais constroem a categoria de tempo. Culioli já estuda como as formas/marcas participam da construção enunciativa. O que lhe interessa não é a referência, mas a produção de sentido, ou seja, como essas marcas se integram no enunciado para a produção de sentido. E é essa produção de sentido que veremos com os usos dos advérbios de tempo *hoje* e *agora* em alguns enunciados.

### **3- Os valores referenciais de *agora* e *hoje***

Compreendemos que o sentido das unidades linguísticas nos enunciados não é dado, mas sim construídos. Assim, para verificar isso na prática, extraímos algumas entrevistas de alunos de séries finais (5º ano, 9º ano e 3º ano do Ensino Médio) que fazem parte do banco de dados do PORFATER (Português falado por estudantes de Teresina). Procuramos observar o funcionamento semântico dos advérbios de tempo *agora* e *hoje*. Vejamos:

1 (...) a música que eu mais gosto é... **agora** não me lembro o nome dela, só o ritmo (I.M.E.Pu. 5º ano)<sup>2</sup>;

2 (...) ainda não falei ... **agora** que nós vamos chegar no novo testamento (I. F. E. Pa. 5º ano);

3 (...) eu acho que o cinema que está ressurgindo **agora** deve ser valorizado( I. F. E.Pu. 3º ano do Ensino Médio);

4 (...) Ah! Essa pergunta posso responder **agora** ( I. F.E.Pu. 3º ano do Ensino Médio);

5 (...) o assunto que nós vamos trabalhar **agora** após a Bíblia é sobre a questão da mediunidade( I.M.E.Pa.3º ano do Ensino Médio);

6 (...) é bastante diferente do tempo passado, né ? **Agora** os filhos respondem os pais com maior ignorância. (I. F.E.Pu. 9º ano).

Nos exemplos (1) e (4) têm-se o advérbio *agora* com o mesmo valor referencial, ou seja, ambos possuem o sentido de um “aqui-agora”, “neste momento”. Porém, observamos que esse sentido não está estabelecido somente por conta desse advérbio; mas, pela dinâmica do enunciado, a qual envolve a entonação e pelos verbos “ser” e “lembrar” em (1) e a locução verbal “posso responder” em (4) que auxiliam na construção desse valor. Já em (2) e (5) o valor referencial de “futuridade” também é construído e, decorre das locuções verbais “vamos chegar” e “vamos trabalhar”, as quais junto com o advérbio *agora* dão essa interpretação de futuro.

Em (3) e (6) o valor referencial de “época atual” também é construído. No caso de (3), o valor é construído a partir da locução verbal “está ressurgindo” em que o verbo principal no gerúndio possibilita a interpretabilidade de “atualmente” e em (6) a

---

<sup>2</sup> Informante Masculino de Escola Pública(I.M E.Pu.);  
 Informante Masculino de Escola Particular (I.M.E.Pa.);  
 Informante Feminino de Escola Pública (I.F.E.Pu.);  
 Informante Feminino de Escola Particular (I. F. E. Pa.)

expressão “tempo passado” contrapondo-se com o *agora* estabelece o sentido também de atual.

Visto essa primeira construção de valor referencial do advérbio *agora*, veremos em seguida, a substituição do *agora* pelo *hoje*, com o intuito de observar se os valores referenciais serão os mesmos ou não, já que ambos são advérbios de tempo. Observemos:

1a (...) a música que eu mais gosto é... **hoje** não me lembro o nome dela, só o ritmo (I.M.E.Pu. 5º ano);

2a (...) ainda não falei ... **hoje** que nós vamos chegar no novo testamento(I. F E. Pa. 5º ano);

3a (...) eu acho que o cinema que está ressurgindo **hoje** deve ser valorizado( I. F. E.Pu. 3º ano do Ensino Médio);

4a (...) Ah! Essa pergunta posso responder **hoje**( I. F.E.Pu. 3º ano do Ensino Médio);

5a (...) o assunto que nós vamos trabalhar **hoje** após a Bíblia é sobre a questão da mediunidade( I.M.E.Pa.3º ano do Ensino Médio);

6a (...) é bastante diferente do tempo passado, né ? **Hoje** os filhos respondem os pais com maior ignorância. (I. F.E.Pu. 9º ano).

Diante dessa substituição pelo advérbio *hoje* constatamos que os sentidos dos exemplos (1a), (2a), (3a), (5a) e (6a) não foram “tão” diferentes dos expressos com o advérbio *agora*, ou seja, foram aceitos. Os exemplos (2a), (5a), (3a) e (6a) indicaram respectivamente futuridade e época atual, não apresentaram mudanças em relação aos mesmos exemplos com a presença do advérbio *agora*. Mas, em relação aos exemplos (1a) e (4a) tivemos valores referenciais diferentes dos esperados.

Em (1a) tivemos o valor referencial de “época atual”, contrariando o valor esperado de “dia da enunciação”, pois com o uso do advérbio *hoje* comparado com o *agora* no exemplo (1), imaginássemos que o *hoje* estabeleceria o sentido de “dia da enunciação”; já que em (1) o *agora* indicou “momento da enunciação”. Porém, esse valor referencial de “dia da enunciação” seria possível se tivéssemos a construção “(..) **hoje** não estou me lembrando”, em que o gerúndio do verbo principal juntamente com o *hoje* daria a idéia de “momentâneo”, ou seja, situaria a fala do sujeito enunciator ao dia da enunciação.

Em relação ao exemplo (4a), observamos que o emprego do advérbio *hoje* neste exemplo direciona para uma interpretação de que o sujeito enunciador antes não podia responder a tal pergunta, mas que a partir daquele dia já pode. Assim, enquanto em (4) o advérbio *agora* indica o valor de “exato momento”, “neste instante”; (4a) com o advérbio *hoje* auxiliado da locução verbal “posso responder” indica um “hoje extensional”, isto é, um sentido que perpassa o dia da enunciação, está mais para o valor de “época atual”. Dessa forma, percebemos que a palavra não tem valor semântico estável *a priori*, como bem ressalta Culioli. O valor dela é construído a partir de outras marcas linguísticas presentes no enunciado.

Vejamos mais exemplos com o advérbio *agora*:

7 (...) em Parnaíba eu não conhecia ninguém só fui mesmo **agora** em Brasília e em São Paulo tem minha vó e a minha tia que moram lá (I.F.E.Pu. 5º ano);

8 (...) eu acho ele legal, eu confio nele (...) ele é meu amigo **agora** eu nunca vi ele falando de mim (I.M. E.Pu. 9º ano);

9 (...) eu acho que uma pessoa criada pela mãe é diferente de uma pessoa criada pela avó porque a mãe não faz tudo que o filho pede **agora** a avó pra não contrariar faz tudo, né? (I.F.E.Pu. 9º ano);

10 (...) em relação ao governador só não gostei dessa decisão dele de trazer o Beira- - Mar pra cá... **agora** o resto ele está fazendo bem (I.FE.Pu.3º ano do Ensino Médio)

Nos exemplos (7), (8), (9) e (10) observamos que o valor referencial de *agora* é de uma conjunção adversativa, pois o sentido dele na segunda ocorrência de cada fala contrapõe o que está expresso na primeira ocorrência. Assim, faremos a substituição do *agora* pelas conjunções adversativas “mas”, “porém”, “todavia” e “entretanto” com o intuito de comprovar essa observação.

7a (...) em Parnaíba eu não conhecia ninguém só fui mesmo **mas**, em Brasília e em São Paulo tem minha vó e a minha tia que moram lá (I.F.E.Pu. 5º ano);

8a (...) eu acho ele legal, eu confio nele (...) ele é meu amigo **porém**, eu nunca vi ele falando de mim (I.M. E.Pu. 9º ano);

9a (...) eu acho que uma pessoa criada pela mãe é diferente de uma pessoa criada pela avó porque a mãe não faz tudo que o filho pede **todavia**, a avó pra não contrariar faz tudo, né? (I.F.E.Pu. 9º ano);

10a (...) em relação ao governador só não gostei dessa decisão dele de trazer o Beira- - Mar pra cá... **entretanto**, o resto ele está fazendo bem (I.FE.Pu.3º ano do Ensino Médio)

Dessa forma, os advérbios “agora” e “hoje” não respondem sozinhos pelos valores referenciais. Os valores referenciais se manifestam no processo de construção do enunciado onde outras marcas linguísticas se encontram em harmonia e colaboram para a construção do sentido. Assim, podemos considerar que as sequências analisadas constituem enunciados porque puderam ser interpretáveis em contextos potenciais. Como explica Franckel (2011, p.45): “um enunciado é uma sequência (um encadeamento coerente de palavras) que se torna interpretável pela estabilização de um ou outro de seus contextos possíveis, sendo esses contextos engendráveis a partir da própria sequência.”

Os exemplos analisados confirmam que se torna mais interessante observar os sentidos que as palavras constroem no(s) enunciado(s) do que avaliar o valor significativo das marcas linguísticas como meras unidades da língua. Então, cada valor referencial será construído mediante o emprego da palavra em cada enunciado, por isso que Culioli defende que o valor é construído enunciado por enunciado.

#### **4- Considerações finais**

Diante de tudo que foi abordado, defendemos tal como Culioli, que os sentidos são construídos nos enunciados, pois sujeitos enunciadore, eixos tempo e espaço, cotexto e contexto são primordiais para a interpretação de um enunciado. A língua é dinâmica e heterogênea, por isso cada sequência determina tipos de contextualização possíveis.

Constatamos por meio dessa pequena análise o surgimento de novos valores que, longe de seus sentidos mais usuais, contribuem para a construção de novos sentidos que refletem a dinamicidade das ações e da interação humana. As falas analisadas foram apenas uma pequena amostra de todas as possíveis operações de referenciação desses advérbios. Acreditamos que existem inúmeros valores referenciais para os mesmos.

Então, para a Teoria Culioliana a língua é um sistema que se apresenta na forma de texto e a linguagem é uma atividade que também está vinculada ao texto. Disso, depreendemos que o texto remete a enunciado; logo, a enunciação pressupõe a existência de um caminho marcado de operações em que se faz ajustamentos com o intuito de significar e construir sentidos.

**Referências:**

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral**. Volume I. Campinas: São Paulo: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Problemas de lingüística geral**. Volume II. Campinas: São Paulo: Pontes, 1989.

FRANCKEL, Jean-Jacques. Referência, referenciação e valores referenciais. In: : VOGUÉ, Sarah de; FRANCKEL, Jean Jacques; PAILLARD, Denis. **Linguagem e enunciação**: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011. p. 31- 55.

LIMA, Maria Auxiliadora Ferreira; SERRA, Maria AnecyCalland Marques (Orgs.). **Português falado por teresinenses (entrevistas)**. Teresina: EDUFPI, 2010.

VOGÜÉ, Sarah de. Culioli após Benveniste : enunciação, linguagem, integração. In: VOGUÉ, Sarah de; FRANCKEL, Jean Jacques; PAILLARD, Denis. **Linguagem e enunciação**: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011. p. 57-85.